

Jeová é Satanás?

Não compartilho da idéia defendida por alguns grupos minoritários de tendências gnósticas, que não reconhecem Jeová como Deus e o identificam a Satanás. Embora eu próprio também não creio que Jeová e o Deus Pai sejam a mesma pessoa, não creio tampouco que Jeová seja o mesmo que Satanás, pelas razões seguintes.

Ao lermos Jó 1:6 e 2:1, cujos textos mencionam o fato de que os filhos de Jeová se apresentavam diante dele, sendo que Satanás era contado como um desses filhos, é uma prova incontestável que Jeová é um ser distinto de Satanás. Cabe aqui a explicação de que esses "filhos de Jeová" a que se refere o texto são anjos, como fica claro ao compararmos Gênesis 6:1 e o Salmo 82:1 e 6.

Portanto, embora haja um relacionamento de paternidade entre Jeová e o anjo Satanás, todavia são pessoas distintas.

Outro texto que também deixa clara essa distinção é Gênesis 3:1 a 24, onde a serpente é um dos personagens no jardim de Jeová-Elohim. No Apocalipse 20:2 temos a explicação textual que Satanás é a antiga serpente, também chamado diabo.

Comparando-se os textos de II Samuel 24:1 que diz "a ira de Jeová se tornou a acender contra Israel e ele incitou a Davi contra eles, dizendo: Vai, numera a Israel e a Judá", com I Crônicas 21:1 que diz: "então Satanás se levantou contra Israel e incitou Davi a numerar a Israel", temos mais um esclarecimento sobre a identidade de Satanás, o qual por esta correlação corresponde à ira de Jeová.

Isso significa que quando era necessária uma atuação que exigisse castigo, maldições e punições mais severas aos homens, Jeová se valia de Satanás para fazer o "trabalho sujo".

Dentro de minha ótica, não vejo Jeová como alguém essencialmente malévolos, mas sim como alguém que teve seus planos frustrados, e por causa disso teria se tornado enciumado e iracundo, exatamente como muitas pessoas que passam por experiência semelhante.

Esses planos frustrados se resumem no seguinte: ao criar o homem a partir do pó da terra, Jeová arquitetou um plano que incluía um Messias na figura de um libertador político, o qual entre outras tarefas deveria zelar pelo cumprimento dos mandamentos e leis de Jeová em um reino aqui na Terra. Davi era símbolo desse rei messiânico, o qual era segundo o coração de Jeová (I Samuel 3:14; I Reis 11:4 e 15:3; Atos 13:22).

O caráter fiel e conquistador de Davi era valorizado por Jeová, que via nele um modelo para o seu futuro Messias (Salmos 132:10 a 17). Em Oséias 3:5 e Jeremias 30:9, o Messias chegou a ser identificado com Davi.

No entanto, Davi cometeu um pecado grave que o desabonou, ao cometer adultério e induzir um de seus fiéis soldados ao homicídio (II Samuel 12:7 a 9).

Com o fracasso dos sucessores de Davi, como por exemplo seu filho Salomão, Jeová tinha esperanças de ver seu plano de ação mundial através de um Messias que fosse absolutamente irrepreensível na conduta, para assim justificar que a lei e os mandamentos que ele dera no Sinai eram bons, a fim de estabelecer a sua justiça própria (Isaias 11:1 a 5).

Dentro dessa perspectiva, Jesus "encaixaria como uma luva", para provar que seria possível alguém cumprir uma Lei tão severa.

Por preencher esses requisitos, Jesus estava nos planos de Jeová, não na condição de Filho, mas como príncipe (Daniel 9:25) de um reino onde Jeová seria rei.

Dentro desse plano, caberia ao povo de Israel desfrutar da herança na Terra, enquanto que os estrangeiros vindos de todos os outros povos seriam seus serviçais, para cuidarem de seus bens materiais (Isaias 61:5 e 6).

Jeová pretendia que Jesus fosse o Messias de Israel pela força, porém a grande frustração nos planos de Jeová foi que Jesus preferiu filiar-se ao Pai (João 16:3 a 8) e inserir-se dentro do plano de redenção universal do Pai (João 3:16), ao invés de satisfazer os caprichos ambiciosos de Jeová em seu plano segregativo.

A idéia de exclusivismo e estabelecimento do poder pela força, como Jeová propunha, estava fora do propósito de Jesus. Na realidade Jesus manifestou-se primeiramente aos judeus e lhe agradaria começar através de seus próprios patrícios (Mateus 23:37), mas como a grande maioria rejeitou, Jesus voltou-se para os gentios (Mateus 28:19 e 20).

Após sua partida, levantou Paulo para a continuidade desse ministério, com essa mesma orientação (Atos 13:46).

No Salmo 110:1 e Atos 2:34 e 35 a primeira menção da palavra "Senhor" diz respeito a Jeová e a segunda a Jesus. No original estão mencionados respectivamente Jeová ou Javé e Adonai. Nesse texto foi profetizada a proposta de Jeová para que Adonai (Jesus) se assentasse à sua direita até que Jeová lhe colocasse todos os seus inimigos como escabelo (banqueta) para seus pés.

Jeová pretendia fazer de Jesus um príncipe vitorioso como Davi para conquistar o mundo (I Samuel 2:10 e Salmos 2:2 a 8), ainda que isso implicasse no derramamento de sangue de milhões de criaturas.

Porém, Jesus não estava preocupado com aquela glória terrena e acabou rejeitando a unção de Jeová para receber a unção e adoção do Pai. Jesus, portanto não é o Messias de Jeová mas sim do Pai. Isso aconteceu no período em que Jesus deveria escolher o bem e rejeitar o mal (Isaias 7:14 e 15).

Tratava-se da escolha entre beber do cálice do sofrimento da parte do Pai (João 18:11 e Mateus 26:42), o qual resultaria em bênção e salvação para muitos, ou o cálice "transbordante da glória terrena" da parte de Jeová (Salmos 23:5), onde Ele só teria que aguardar ser ungido e servido confortavelmente na mesa preparada por Jeová, "na presença de seus inimigos", como diz o Salmo.

Todo sacerdote era ungido (Levíticos 4:3 a 5) e Jesus é o sumo-sacerdote de uma Nova Aliança. É evidente que para esse exercício, Jesus precisaria ser ungido. Jesus foi então ungido pelo Pai com o Espírito Santo e com virtude (Atos 10:38), que é o "óleo da alegria" mencionado profeticamente no Salmos 45:7

Essa decisão de Jesus, ao tomar partido ao lado do Pai, provocou o ciúmes de Jeová que, inconformado por ver seus planos frustrados, tornou-se opositor velado da Igreja, trazendo distorção e confusão através de muitas traduções e tradições, ocultando assim sua verdadeira identidade ao longo dos séculos.

Na sua derradeira tentativa de subverter Jesus e atraí-lo para seus planos, Jeová comissionou o arqu-inimigo declarado, Satanás, que quer dizer "adversário", para tentar dissuadir Jesus de sua filiação ao Pai, confirmada pouco antes, no batismo, através de uma voz vinda dos céus (Mateus 3:17), onde o Pai declarava assumir a paternidade do Filho Unigênito, a qual foi profetizada no Salmos 2:7 e ratificada em Atos 13:33 e Hebreus 1:5; 5:5.

Nessa persuasão, Satanás usou todos os recursos de bens materiais e a glória terrena que ele declarou haver recebido (Lucas 4:5 e 6), mas Jesus já conhecia aquela proposta, pois tratava-se do mesmo galardão oferecido por Jeová aos que lograssem habitar em seu reino terreno (Ezequiel 36:28 a 30).

É importante observar que Lucas 4:1 faz referência a dois espíritos agindo sobre Jesus. Um que é o Espírito Santo, do qual diz o texto que Ele estava "cheio", e o outro genérico (não declarado Santo) que o conduziu para ser tentado.

Jesus teria toda a chance de ser constituído Messias de Israel segundo os propósitos de Jeová, que provavelmente nem incluiriam o suplício sacrificial na cruz. Sua messianidade, porém estaria condicionada ao estabelecimento da lei e dos mandamentos de Jeová com vara de ferro.

Jesus, porém, não é Messias somente para Israel, como estava nos planos de Jeová, mas também para todo o mundo, porque o desejo do Pai é que todos sejam alcançados e salvos (I Timóteo 2:4). Por isso Jesus identificou-se à samaritana como o Messias (João 4:25 e 26) e não restringiu a adoração aos samaritanos, no monte Gerizim ou aos judeus no monte Sião, mas disse que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito, em qualquer local da Terra onde se encontrarem (João 4:23).

Portanto Jesus não é um simplesmente um "Messias nacional", mas um Salvador pessoal, pois o Pai não tem planos segregativos para um povo "exclusivo" nem faz discriminação de pessoas (I Pedro 1:17; Romanos 2:11; Atos 10:34 e 35; 15:8 e 9), diferentemente de Jeová, que ensinou os judeus a discriminarem os outros povos tais como os samaritanos (João 4:9) e as mulheres (João 4:27).

Por todos esses motivos, insisto que não vejo Jeová como originalmente maligno e perverso como Satanás, mas como alguém que teve seus antigos planos frustrados e, enciumado, passou a obscurecer e a se contrapor ao plano do verdadeiro Deus Pai, cujo Messias é o seu próprio Filho, o qual estabeleceu o Reino de Deus nos corações de todos aqueles que lhe deram lugar.

Oswaldo Carvalho